

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Diferentes tipologias familiares e a sua relação com a vinculação parental e a saúde psicológica dos adolescentes

Beatriz Isabel Fonseca Alves

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**DIFERENTES TIPOLOGIAS FAMILIARES E A SUA RELAÇÃO COM
A VINCULAÇÃO PARENTAL E A SAÚDE PSICOLÓGICA DOS
ADOLESCENTES**

Beatriz Isabel Fonseca Alves

Outubro 2024

Dissertação apresentada no Mestrado de Psicologia, Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
orientada pelo Professor Doutor Carlos Gonçalves (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial

Resumo

Esta dissertação de mestrado pretende estudar a influência das diferentes tipologias familiares (família monoparental, família reconstituída e família intacta) na vinculação parental e na saúde psicológica dos adolescentes. Além disso, atenta-se também ao efeito moderador das variáveis do género e nível socioeconómico.

Foi realizado um enquadramento conceptual sobre os estudos científicos existentes nesta temática e depois procedeu-se a uma análise estatística dos resultados obtidos a partir das respostas a um questionário. Por fim, discutiram-se os resultados e apresentaram-se as potencialidades e limitações do presente estudo, sugerindo também alguns contributos para futuras investigações.

O estudo foi constituído por 94 adolescentes a frequentar o 6.º ao 9.º ano, que responderam voluntariamente a um questionário composto por 3 escalas: um questionário sociodemográfico, o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001) e a Escala de Problemas Psicológicos (Neto, 2009).

De acordo com os resultados obtidos, os adolescentes de família monoparental demonstraram uma menor qualidade de laço emocional tanto com o pai como com a mãe, comparativamente com os adolescentes de família intacta. Além disso, os adolescentes de família reconstituída demonstraram uma menor ansiedade de separação relativamente ao seu pai, do que os adolescentes de família intacta.

Relativamente ao género, as raparigas evidenciaram mais problemas psicológicos e menos qualidade do laço emocional e, pelo contrário, mais inibição da exploração e da individualidade, relativamente a ambos os pais.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao score de problemas psicológicos de acordo com a tipologia familiar dos adolescentes nem de acordo com o nível socioeconómico dos pais.

Abstract

This master's thesis aims to study the influence of different family types (single-parent families, reconstituted families and intact families) on parental attachment and the psychological health of adolescents. It also looks at the moderating effect of the variables of gender and socioeconomic status.

A conceptual framework of existing scientific studies on this subject was provided, followed by a statistical analysis of the results obtained from the answers to a questionnaire. Finally, the results were discussed and the potential and limitations of this study were presented, as well as some suggestions for future research.

The study consisted of 94 adolescents in the 6th to 9th grades, who voluntarily answered a questionnaire made up of 3 scales: a sociodemographic questionnaire, the Attachment to Father and Mother Questionnaire (Matos & Costa, 2001) and the Psychological Problems Scale (Neto, 2009).

According to the results obtained, adolescents from single-parent families showed a lower quality of emotional bond with both their father and mother, compared to adolescents from intact families. In addition, adolescents from a reconstituted family showed less separation anxiety towards their father than adolescents from a intact family.

Regarding gender, girls showed more psychological problems and less quality of the emotional bond and, on the contrary, more inhibition of exploration and individuality, in relation to both parents.

No statistically significant differences were found in relation to the psychological problems score according to the adolescents' family typology or the parents' socio-economic level.

Índice

Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice de Tabelas	vii
Introdução.....	8
Enquadramento Conceptual.....	9
1. A centralidade da Vinculação às figuras maternas e paternas no desenvolvimento dos filhos.....	12
2. Novas configurações de família e seu impacto na saúde psicológica dos filhos.....	14
3. Novas configurações de família e seu impacto diferenciado no Género	16
4. Novas configurações de família e seu impacto diferenciado a nível socioeconómico	18
Método.....	19
Objetivos gerais e específicos e hipóteses de investigação	19
Participantes	20
Procedimentos	22
Instrumentos utilizados	23
1. Questionário Sociodemográfico	23
2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001)	23
3. Escala de Problemas Psicológicos (Neto, 2009).....	24
Resultados.....	24
Discussão	35
Conclusão.....	40
Potencialidades.....	40
Limitações	41
Investigações Futuras.....	41
Referências Bibliográficas.....	42
Anexos	46
Anexo 1 - Questionário.....	46
Questionário Sociodemográfico.....	46
Anexo 2 – Consentimento Informado	51

Índice de Tabelas

Tabela 1. Variável "Género"	25
Tabela 2. Variável "Estrutura Familiar"	25
Tabela 3. Variável "Nível Socioeconómico"	25
Tabela 4. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da “inibição da exploração e da individualidade” relativamente à mãe	27
Tabela 5. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da “inibição da exploração e da individualidade” relativamente ao pai.....	28
Tabela 6. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe	28
Tabela 7. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da “qualidade do laço emocional” relativamente ao pai	29
Tabela 8. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da escala de problemas psicológicos	29
Tabela 9. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe	31
Tabela 10. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe	31
Tabela 11. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da “qualidade do laço emocional” relativamente ao pai	32
Tabela 12. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da “qualidade do laço emocional” relativamente ao pai	32
Tabela 13. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da “ansiedade de separação” relativamente ao pai	33
Tabela 14. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da "ansiedade de separação" relativamente ao pai	33

Introdução

A presente dissertação de mestrado é uma investigação científica, de cariz quantitativo, que foi desenvolvida no âmbito da conclusão do ciclo de estudos do Mestrado em Psicologia, na área de Psicologia Clínica e da Saúde. É um estudo meramente exploratório, tendo como principal objetivo compreender como as novas configurações de família das sociedades atuais interferem nas relações de vinculação e na saúde psicológica nos filhos adolescentes do 6.º ao 9.º ano de escolaridade.

Para a realização da investigação foi incluída uma pesquisa bibliográfica atualizada sobre o estado da arte, como forma de enquadramento conceptual, e recolheram-se dados quantitativos a entre o 6.º e o 9.º ano de escolaridade através de vários instrumentos, adequados ao objetivo do estudo, a saber: um breve questionário sociodemográfico, para caraterizar as tipologias de famílias, contendo nomeadamente duas perguntas sobre a tipologia familiar e agregado familiar e dois instrumentos adaptados à população portuguesa: a Escala de Problemas Psicológicos (Neto, 2009) e o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, na versão longa de 30 itens (Matos & Costa, 2001).

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo geral, compreender como as diferentes tipologias familiares interferem no saúde psicológica e estilo de vinculação parental dos adolescentes do 6.º ao 9.º ano de escolaridade. O género dos participantes e o nível socioeconómico dos pais são variáveis moderadoras.

Esta dissertação de mestrado é constituída por uma revisão bibliográfica sobre o tema, explorando a sua pertinência na atualidade e fazendo uma análise de cada variável com literatura científica atualizada. De seguida, é apresentado o Método, com os objetivos e hipóteses de investigação: objetivo geral e objetivos específicos de investigação, as questões de investigação, uma caracterização dos participantes do estudo e uma explicitação detalhada dos procedimentos do estudo com a apresentação dos instrumentos utilizados. Por fim, são apresentados os resultados da investigação e a sua discussão, terminando com uma conclusão que incluiu as considerações finais, potencialidades e limitações do estudo e desafios futuros para a investigação neste âmbito.

Enquadramento Conceptual

A família constitui-se como elemento estruturante e organizador das sociedades: o indivíduo, os grupos, as organizações e instituições. Nenhuma nação nem sociedade existe sem a família (Nasriddinovich, 2020). Deste modo, o conceito de família é um componente universal e basilar da sociedade, sendo, de acordo com Pereira (2008, p.43, citado em Costa, 2020) uma “instituição social básica, a partir da qual todas as outras se desenvolvem, com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade”.

Contudo, apesar desta omnipresença e grande importância da família para a nossa sociedade, o conceito de família não é estanque nem absoluto, diferindo com o contexto histórico e cultural de determinada sociedade (Dias, 2011). O conceito de família é assim influenciado pelas representações sociais de cada sociedade, num determinado momento histórico (Segalen, 1996). Na sua génese, a família pode ser definida como “um conjunto de pessoas em constante interação, ligadas por laços sanguíneos e/ou afetivos” (Alarcão & Relvas, 2002, como citado em Costa, 2020, p.27).

O papel da família na vida de cada indivíduo é muito importante. A Constituição da República Portuguesa (2005) refere até que todos os cidadãos têm o direito de constituir a sua própria família e todos os progenitores são responsáveis pela educação dos seus filhos (art.º 36). Focalizando-nos especialmente nesta última parte, reforçamos que é na família que começa a educação de uma criança, sendo este o principal contexto social e afetivo que contribui para o desenvolvimento do indivíduo desde o seu nascimento. Uma família estável, segura e apoiante é um dos ingredientes essenciais para um desenvolvimento saudável e, mais tarde, para uma vida adulta feliz e bem-sucedida.

Ao longo da História, o conceito de família foi-se transformando. Até ao final dos anos sessenta, o conceito de família correspondia à família tradicional patriarcal (Nasriddinovich, 2020). A família ocidental baseava-se no conceito *parsoniano* (referende ao sociólogo norte-americano Talcott Parsons), que entendia a família como um espaço em que os pais transmitiam aos seus filhos os valores culturais e sociais da sociedade. Os pais tinham o papel de ensinar à criança como se comportar em sociedade e quais os papéis sociais que deveria adotar (Dias, 2011). Dentro da família, os papéis sociais e de género eram rígidos e bem definidos. O homem deveria trabalhar fora de casa e sustentar economicamente a família; a mulher, por sua vez, deveria realizar todas as tarefas domésticas e cuidar dos filhos. O homem era o chefe de família

e a figura de autoridade a qual todos os membros da família se deveriam subordinar (Silva, 2001, citado em Dias, 2011).

Também em Portugal, durante o Estado Novo, este era o conceito de família. O regime valorizava a família e o casamento cristão na Igreja Católica, sendo o lema do Estado Novo “Deus, Pátria e Família” (Delgado, 2016).

A partir dos anos setenta, várias mudanças sociais ocorreram, alterando o conceito de família. A mulher passa a assumir um novo papel na família e na sociedade, mais participativo e menos submisso (Costa, 2020). As mulheres começam a envolver-se no mundo profissional, tendo um emprego remunerado fora de casa, tal como os homens. Assim, adquirem alguma independência económica o que as liberta do controlo económico exercido pelos maridos. Além disso, começam a esperar também o contributo dos esposos na partilha das tarefas familiares, uma vez que ambos passam a ter trabalhos no exterior (Dias, 2011).

Nesta década, em Portugal, o grande movimento impulsionador destas mudanças sociais progressistas foi a Revolução de Abril de 1974. A Revolução dos Cravos despoletou o interesse “pelas questões e causas políticas, pela qualidade das relações, valorização do convívio entre pessoas, literatura e vida académica” (Costa, 2020, p.35). Em resultado disto, as mulheres começaram a lutar pela sua emancipação, as mentalidades alteraram-se e surgiram novas normas e regras sociais.

Provavelmente, para grande maioria dos portugueses, a palavra “família” remete para o núcleo constituído por pai, mãe e filhos, que partilham habitação (Dias, 2011). No entanto, na atualidade, cada vez mais encontramos diferentes tipos de famílias. Em algumas famílias os membros não partilham a mesma habitação, os filhos não são necessariamente filhos biológicos e o casal pode não ser heterossexual (Alarcão & Relvas, 2002, como citado em Dias, 2011).

Nos dias de hoje, vivemos um período de grande transformação a vários níveis: a longevidade aumentou; inverteu-se a pirâmide demográfica; surgiram novos valores e comportamentos; a iniciação sexual e o casamento deixaram de estar necessariamente associados e as relações homossexuais passam a ser socialmente e legalmente reconhecidas (Dias, 2011). Alteraram-se também as mentalidades e os papéis de cada indivíduo e a “diferença” é cada vez mais aceite e normalizada (Costa, 2020).

Deste modo, sendo a família algo dinâmico e em constante mudança, também ela vai sendo reestruturada em virtude da evolução e da globalização da sociedade (Costa, 2020).

Surgem, assim, novas estruturas ou tipologias familiares como: as famílias monoparentais, as famílias reconstituídas (que surgem depois do divórcio), as famílias de união

de facto (sem matrimónio civil ou religioso) e as famílias homossexuais. Estes novos tipos de família juntam-se à chamada “família tradicional” no conjunto de estruturas familiares que existem na sociedade portuguesa atual (Costa, 2020).

Irei, agora em diante, definir estas novas tipologias familiares.

A família nuclear ou tradicional intacta é definida como sendo constituída por um casal de adultos numa relação heterossexual em conjunto com os respetivos filhos do casal, biológicos ou adotados.

A família recomposta ou reconstituída é constituída por um casal que se junta após o divórcio ou a separação de um ou dos dois membros. É comum nestas famílias existirem filhos de casamentos ou relacionamentos amorosos anteriores, o que provoca a existência de uma relação de meios-irmãos.

A família monoparental é composta pela mãe ou pelo pai e pelos seus respetivos filhos. Este tipo de família é geralmente resultado de um divórcio/separação ou viuvez. Noutros casos menos comuns, pode ocorrer por própria opção como recurso a adoção ou a técnicas de reprodução por parte da mulher ou do homem. Na maioria dos casos, o progenitor é a mãe.

Por fim, as famílias homossexuais são constituídas por duas pessoas do mesmo sexo, que podem ou não ter filhos (Dias, 2011).

Em Portugal, o número de famílias com tipologias “não-tradicionais” tem crescido nos últimos anos. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a percentagem de famílias monoparentais e reconstituídas aumentou desde 2011 até aos últimos Censos em 2021.

Relativamente aos núcleos familiares monoparentais, de acordo com os Censos de 2021, esta tipologia familiar aumentou 20,7% desde 2011. A proporção de núcleos familiares monoparentais de mãe com filhos (85,6%) é superior à de pai com filhos (14,4%) – tendência que se tem mantido inalterada nas últimas três décadas – no entanto, observou-se um crescimento dos núcleos de pais com filhos em 1,1 ponto percentual, o que em termos absolutos representa mais de 19 529 novos núcleos de pai a viver com os seus filhos (79 999 no caso de mãe a viver com os seus filhos).

Em relação aos núcleos familiares reconstituídos, o número de casais enquadrados nesta tipologia aumentou, assim como o número médio de filhos destes casais. De acordo com os dados obtidos nos Censos 2021, existem 124 717 núcleos familiares reconstituídos, o que corresponde a mais 17,9% do que em 2011. O número de filhos (comuns e não comuns ao casal) também aumentou na última década, de 196 016 para 232 481 filhos (mais 18,6%). Na generalidade dos núcleos familiares reconstituídos não existiam filhos comuns ao casal (68 823;

55,2%); 35,1 % dos casais tinham um filho em comum e 9,7% tinham dois ou mais filhos em comum. Entre os núcleos familiares reconstituídos sem filhos em comum, 70,6% tinham um filho apenas de um dos membros do casal.

No total, ainda de acordo com os Censos 2021, existiam 3 127 714 núcleos familiares, sendo que, em relação a 2011, verificou-se uma descida de 3,1% no número de núcleos familiares. A maioria dos núcleos familiares correspondia a núcleos com filhos (45,3% núcleos de casais com filhos e 18,5% núcleos monoparentais) e cerca de 36% a núcleos de casais sem filhos. Os núcleos familiares reconstituídos representam 8,8% de todos os núcleos familiares.

Deste modo, dado o grande crescimento em Portugal (e no Mundo) destas novas tipologias familiares, tem surgido, nos últimos anos, um interesse emergente da comunidade científica em estudar estas novas estruturas familiares e perceber o seu impacto nas crianças e adolescentes.

1. A centralidade da Vinculação às figuras maternas e paternas no desenvolvimento dos filhos

Uma das dimensões estruturantes do desenvolvimento dos filhos é a qualidade da relação de vinculação que se constrói entre pais e filhos.

De acordo com a Teoria da Vinculação de Bowlby (1969, 1973, 1980), a vinculação entre os pais e os seus filhos surge com o propósito dos bebés e mais jovens membros da família ou comunidade permanecerem em contacto próximo com adultos significativos (normalmente os seus pais) que cuidem deles e os protejam, rumo ao um desenvolvimento autónomo e saudável. A psicóloga Mary Ainsworth (1967, 1982), observou as interações entre as mães e os seus bebés e propôs dois tipos gerais de vinculação: a vinculação segura e a vinculação insegura. Na vinculação segura, por um lado, o bebé usa a sua mãe ou outro adulto cuidador como uma base segura, a partir da qual pode explorar o ambiente e, por outro, também procura nesta figura de vinculação conforto e proteção quando se sente amedrontada ou ameaçada. Já na vinculação insegura, as crianças têm receio de explorar o meio e resistem ou evitam as tentativas da figura de vinculação de oferecer carinho ou consolo (Arnett, 2013).

Porém, a vinculação não termina na infância, mas desenvolve-se, com algumas mudanças, ao longo do ciclo vital: adolescência, juventude e adulto (Mota & Matos, 2008).

A adolescência é “um período pautado por uma multiplicidade de mudanças na vida dos indivíduos” (Moura & Matos, 2008, p.128). Nesta fase do ciclo vital, os jovens procuram uma maior autonomia e despendem mais tempo com os seus pares (King & Boyd, 2016). Alarga-se

o leque de figuras de vinculação do adolescente e as funções vinculativas são progressivamente transferidas das figuras parentais para o grupo de pares e/ou para o companheiro amoroso (Moura & Matos, 2008). Ainda assim, no início da adolescência os pais são ainda a principal figura de vinculação do jovem (Kerns et al., 2022).

Os adolescentes beneficiam da manutenção de um laço emocional próximo com os seus pais (King & Boyd, 2016) e a maioria deles continua a procurar o apoio parental e deseja a continuidade do investimento e disponibilidade emocional dos seus pais (Moura & Matos, 2008). Os adolescentes continuam a necessitar do apoio dos pais para ganharem confiança suficiente para se tomarem autónomos e independentes. As investigações apontam que a separação emocional do adolescente da sua família de vinculação está frequentemente associada a várias consequências negativas, nomeadamente comportamentos desviantes, uso de drogas, violência com os pares em contexto escolar e desinvestimento escolar com o consequente insucesso neste contexto (Baer & Schmitz, 2007, como citado em King & Boyd, 2016; Bastos, 2022).

Uma relação de vinculação segura com os pais é importante para a saúde mental do jovem e para o seu desenvolvimento social e competência emocional (Bastos, 2022; Kerns et al., 2022). A disponibilidade e sensibilidade dos pais é um importante preditor para o futuro desenvolvimento saudável de laços afetivos, tendo-se observado, em estudos anteriores (e.g. Allen et al., 2003), uma associação entre a segurança emocional e as relações estabelecidas com o grupo de pares e o par amoroso (Mota & Matos, 2008). Além disso, um ambiente familiar positivo e sentimentos de pertença à família podem promover um desenvolvimento positivo do jovem (King & Boyd, 2016).

De acordo com a *hipótese da competência* (Weinfield et al., 2008, como citado em Kerns et al., 2022), uma vinculação segura às figuras de vinculação primárias (normalmente, os pais) é um fator protetor que ajuda no desenvolvimento das competências e numa melhor saúde mental dos jovens e crianças. Vários estudos científicos suportam esta hipótese, revelando que uma vinculação segura aos pais na infância está associada a uma maior competência com os pares; autoconceito positivo; autorregulação e regulação das emoções mais adaptativa e menos problemas de comportamento ou psicológicos (Kerns et al., 2022). Uma vinculação segura aos pais na adolescência está ainda associada a uma autoestima mais elevada, comparativamente com os jovens que têm um estilo de vinculação Preocupado, Amedrontado e Desinvestido (Mota & Matos, 2008). Segundo Helsen, Vollebergh e Meeus (2000), durante a

adolescência, o apoio parental é o melhor indicador de satisfação emocional (Mota & Matos, 2008).

Deste modo, compreendemos a grande importância de uma vinculação segura na relação dos jovens com os seus pais, especialmente na adolescência, uma fase já marcada por grandes mudanças e desafios para o adolescente. Torna-se, assim, de “extrema importância para o jovem viver num clima de segurança e afeto” (Mota & Matos, 2008, p.344).

As novas tipologias familiares, objeto central desta investigação, têm como origem diversas transições que ocorrem no seio familiar, nomeadamente o divórcio e o recasamento. Estas transições implicam a reestruturação das dinâmicas familiares, representando mais uma instabilidade na família e para a vida do jovem. Além disso, algumas destas transições (como o divórcio) podem ser potencialmente negativas, podendo alterar as relações de vinculação entre pais e filhos (Moura & Matos, 2008).

Nomeadamente, em relação ao divórcio, nos casos em que a custódia da criança ou do adolescente fica com a mãe, de acordo com um estudo de Zhou et al. (2008) esta torna-se menos carinhosa, mais permissiva e menos consistente na forma como exerce a sua parentalidade, comparativamente com período antes do divórcio. Por outro lado, outros estudos propõem que, depois do divórcio, a mãe pode depender do seu filho como seu confidente, o que pode gerar mais proximidade na relação, mas, simultaneamente, ser um papel desafiante e demasiado exigente para um adolescente (Afifi et al., 2007; Koerner et al., 2004).

No caso do pai, quando este não tem a custódia da criança, a tendência mais comum é o decréscimo do contacto entre pai e filho e, conseqüentemente, a degradação da relação, resultando numa menor qualidade do laço emocional (Arnett, 2013) e menor ansiedade de separação relativamente à figura paterna (Moura & Matos, 2008).

A partir desta constatação, é de meu interesse nesta dissertação de mestrado explorar a forma como a tipologia familiar se associa à vinculação do jovem com os seus pais. Investigarei também as relações entre a vinculação, o género e a saúde psicológica, uma vez que há associações entre estas três variáveis.

2. Novas configurações de família e seu impacto na saúde psicológica dos filhos

Como já foi referido anteriormente, as diferentes tipologias familiares afetam as dinâmicas da família. Diversos estudos têm apontado para uma associação forte entre a estrutura familiar e o bem-estar das crianças e jovens (Costa, 2020).

Assim, proponho apresentar algumas investigações recentes acerca da influência das diferentes tipologias familiares na saúde psicológica das crianças e adolescentes.

São vários os estudos que apontam para uma relação direta entre a estrutura familiar e a saúde mental. A maioria dos estudos que se centram neste tema são, em grande parte, desenvolvidos noutros países, sendo ainda limitados e escassos em Portugal, por isso esta pesquisa poderá ser mais um contributo para compreender esta realidade.

Na generalidade, a maioria dos estudos aponta para que crianças que crescem em famílias “não-tradicionais” experienciem um desenvolvimento socio-emocional mais lento e demonstrem níveis mais elevados de problemas internalizados e externalizados de comportamento, comparativamente com crianças criadas no seio de famílias “tradicionais” que garantem mais estabilidade. Estes resultados foram replicados em vários estudos, nomeadamente nos Estados Unidos da América (Carlson & Corcoran, 2001; Amato & Anthony, 2014; Fomby & Cherlin, 2007, como citado em Perales et al., 2016), no Reino Unido (Kiernan & Mensah, 2009; Dunn et al., 1998; Pearce, Lewis & Law, 2014, como citado em Perales et al., 2016) e na Europa, no geral (Iguacel et al., 2017).

Um estudo australiano desenvolvido por Pearles e companheiros em 2016, cujos participantes eram crianças dos 4 aos 17 anos, mostrou que crianças em famílias “não tradicionais” apresentavam cerca de 50% mais probabilidade de sofrerem de alguma psicopatologia, comparativamente com crianças de famílias intactas. Estas psicopatologias integravam problemas de internalização, como distúrbios de ansiedade e depressão major; tanto como problemas de externalização, nomeadamente distúrbios comportamentais e transtorno de défice de atenção e hiperatividade. Esta probabilidade observada no estudo não variava significativamente entre os diferentes tipos de famílias “não-tradicionais” (monoparentais, reconstituídas e híbridas) (Perales et al., 2016).

Num estudo italiano de 2014, cujos participantes eram jovens dos 14 aos 17 anos, os resultados mostraram que as crianças a viverem em famílias monoparentais não demonstram menos saúde psicológica, quando comparadas com famílias intactas. No entanto, os jovens a viverem em famílias reconstituídas demonstravam menos saúde psicológica, quando comparados com os que viviam com ambos os pais biológicos (Meggiolaro & Ongaro, 2014).

Um estudo chinês de janeiro de 2023 indicava que os jovens de famílias intactas reportam menos comportamentos desviantes e depressão, comparativamente com jovens de famílias não-intactas. Adolescentes de famílias reconstituídas apresentaram mais

comportamentos desviantes do que aqueles que viviam em famílias monoparentais (Yang & Jiang, 2023).

Um estudo da Nova Zelândia de 2021 revelou também que o nível de stress é mais elevado em adolescentes a viver em famílias monoparentais ou reconstituídas, comparativamente com jovens a viver em famílias intactas. O nível de sofrimento psicológico é mais elevado em jovens de famílias reconstituídas (comparando com famílias monoparentais e intactas) (Gath, 2021).

Já os resultados de um estudo português de 2020 revelaram que os adolescentes de famílias monoparentais apresentam uma maior propensão para desenvolver problemas de saúde mental, comparativamente com os jovens de famílias intactas e reconstituídas (Costa, 2020).

Apesar da maioria dos estudos apontar para um efeito negativo de viver numa família “não-tradicional” na saúde psicológica dos adolescentes, alguns estudos não detetam diferenças significativas na saúde psicológica dos jovens e crianças dependendo da tipologia familiar. É o caso de um estudo português de 2013 de Melo & Mota. Assim sendo, no panorama da pesquisa científica internacional é importante procurar superar as limitações dos estudos anteriores e dar uma resposta concreta sobre esta temática.

Atendendo à escassez de pesquisa científica neste tema em Portugal, considero que é de relevância científica estudar a forma como a saúde psicológica dos adolescentes está correlacionada com as diferentes tipologias familiares. Como referi anteriormente, as tipologias familiares “não-tradicionais” são cada vez mais comuns em Portugal e os estudos científicos realizados noutros países como China e Nova Zelândia podem não ser generalizáveis ao contexto português devido a diferenças culturais, sociais e/ou políticas.

Além disso, é importante estudar esta temática numa amostra de adolescentes do 6.º ao 9.º ano de escolaridade, pois a adolescência é associada a um risco mais elevado de desenvolvimento de problemas de saúde mental e de comportamentos disruptivos. Normalmente, estas perturbações mentais surgem no início da adolescência e, em cerca de 50% dos casos, têm tendência a persistir ao longo da adolescência até à idade adulta (Kim-Cohen et al., 2003, como citado em Collishaw, 2015).

3. Novas configurações de família e seu impacto diferenciado no Género

Nesta dissertação de mestrado analiso o género como uma variável moderadora relativamente à vinculação com os pais e à saúde psicológica, no contexto das diferentes tipologias familiares analisadas.

Considero importante avaliar o efeito desta variável, uma vez que diversos estudos apontam para diferentes níveis de saúde psicológica e diferentes estilos de vinculação, dependendo do género do indivíduo.

Relativamente à saúde psicológica/mental na adolescência, estudos de vários países apontam que as raparigas demonstram uma maior prevalência de depressão e ansiedade do que os rapazes (Blakemore, 2019; Collishaw, 2015; Kessler & Zhao, 1999, como citado em Marquez et al., 2022).

Esta tendência também parece revelar-se em Portugal. Num estudo de Melo & Mota de 2013, com jovens dos 13 aos 25 anos, os rapazes demonstraram mais autoestima, comparativamente às raparigas. Para além disso, o género masculino evidenciou também um nível mais elevado de felicidade (Melo & Mota, 2013). Outro estudo português de 2020, também mostrou que os adolescentes do género masculino relataram maior satisfação com a vida e vida familiar, mais afeto positivo, inteligência emocional, vontade de viver e melhor saúde mental do que as raparigas (Costa, 2020).

No que se refere aos estilos de vinculação na relação dos adolescentes com os seus pais, alguns estudos apontam para que as raparigas tenham, comparativamente com os rapazes, uma vinculação mais segura com os seus pais (Buist et al., 2002; Choi et al., 2012, como citado em Ruhl, Dolan & Buhrmester, 2014). Um estudo indiano de 2017, com jovens dos 14 aos 16 anos, obteve resultados consistentes com estas evidências, sendo que as raparigas adolescentes mostraram uma vinculação mais forte com os seus pais (particularmente com a mãe), comparativamente com os rapazes (Devi et al., 2017).

Por outro lado, um estudo norte-americano de 2014 mostrou que as raparigas adolescentes revelam menos evitamento do que os rapazes na relação parental, mas na ansiedade de separação não existiam diferenças de género (Ruhl, Dolan & Buhrmester, 2014).

Um estudo de português de 2008, com adolescentes dos 14 aos 18 anos, revelou que as raparigas apresentam uma maior ansiedade de separação relativamente a ambas as figuras parentais (em comparação com os rapazes) (Moura & Matos, 2008). Outro estudo português de 2006 (com adolescentes dos 17 aos 19 anos), no entanto, não detetou diferenças de género nos padrões de vinculação ao pai e à mãe, porém, evidenciaram-se diferenças de género em três dimensões do relacionamento com a mãe, sendo que as raparigas obtiveram níveis mais elevados de ansiedade de separação, procura de proximidade e mais baixos níveis de autonomia, comparativamente com os rapazes (Matos & Costa, 2006).

Atendendo a estas evidências, é expectável que o género influencie a saúde psicológica e o estilo de vinculação com os pais, de acordo com as diferentes tipologias familiares (intacta, monoparental e reconstituída). Alguns estudos já sugerem, por exemplo, que, nas famílias não-intactas, as raparigas evidenciem mais depressão do que os rapazes (Yang & Jiang, 2023).

Esta pesquisa visa apresentar contributos atuais das possíveis diferenças do género na vinculação parental e na saúde psicológica dos adolescentes.

4. Novas configurações de família e seu impacto diferenciado a nível socioeconómico

Esta investigação também pretende compreender se o nível socioeconómico das várias tipologias familiares (intacta, monoparental e reconstituída) poderá influenciar, de forma diferenciada, a saúde psicológica dos adolescentes.

É importante avaliar o efeito desta variável, uma vez que há evidência empírica que sugere que as transições familiares (como o divórcio) estão associadas a uma diminuição dos recursos económicos da família. Esta redução dos recursos financeiros pode ter como consequência o agravamento do bem-estar psicológico de toda a família, particularmente das crianças, adolescentes ou jovens que estão dependentes financeiramente dos cuidadores. Esta associação justifica-se com os resultados de vários estudos que revelam que indivíduos com mais dificuldades económicas têm também mais tendência a manifestar doenças mentais e experienciam mais sofrimento psicológico (Meggiolaro & Ongaro, 2014).

Além disso, como seria de esperar, a falta de recursos económicos pode resultar em condições de habitação insuficientes, alimentação pobre e menos acesso a cuidados de saúde. E ainda, havendo menos recursos económicos, as famílias veem-se privadas de proporcionar condições de aprendizagem aos seus filhos, como investir em explicações escolares, materiais de estudo ou atividades extracurriculares (Homem, Canavarro & Pereira, 2009).

Por razões óbvias, esta pobreza de recursos económicos tem tendência a afetar mais as famílias monoparentais (Millar & Ridge, 2001; McLanahan & Perscheski, 2008, como citado em Meggiolaro & Ongaro, 2014). Assim, seria de esperar que se a mãe ou pai divorciados se voltassem a casar, as condições económicas melhorariam, o que consequentemente, melhoraria também o bem-estar psicológico da família como um todo, nomeadamente, para a criança ou jovem. No entanto, nem sempre isto acontece.

Ainda que os resultados de alguns estudos apontarem para a melhoria das condições económicas das mães solteiras após o recasamento (Kreider, 2003; Dewilde & Uunk, 2008, como citado em Meggiolaro & Ongaro, 2014), outros estudos revelam que, apesar da presença

de um segundo adulto no agregado familiar adicionar mais recursos económicos, muitas vezes estes recursos não são muito investidos neste filho, sendo os filhos biológicos do novo companheiro mais beneficiados (Case and Paxson, 2001 como citado em Mance & Yu, 2010). Deste modo, estas crianças acabam por não ser muito favorecidas pelo recasamento da mãe, continuando, muitas vezes sem os benefícios que mais recursos económicos poderiam providenciar.

As evidências científicas mostram que a falta de recursos económicos ou a inadequada distribuição dos mesmos é um dos fatores que pode contribuir para um bem-estar psicológico mais reduzido das crianças e jovens em famílias monoparentais e reconstituídas (Case et al., 2000). Assim, considero importante nesta investigação, apresentar contributos possíveis para analisar a influência do nível socioeconómico dos pais na saúde psicológica das crianças e adolescentes, de acordo com a sua tipologia familiar (intacta, monoparental e reconstituída).

Método

Objetivos gerais e específicos e hipóteses de investigação

O objetivo geral deste estudo visa avaliar os impactos psicossociais das diferentes estruturas familiares – intacta, monoparental e reconstituída – em crianças do 6.º ao 9.º ano de escolaridade.

Esta opção por estas três estruturas familiares justifica-se pelo facto de serem estas tipologias familiares as que têm maior representação em Portugal, de acordo com os dados dos Censos 2021 realizados pelo Instituto Nacional de Estatística.

Os objetivos específicos desta investigação são:

1. Avaliar se existem diferenças estatisticamente significativas na vinculação aos pais e na saúde psicológica nas diferentes tipologias familiares: família intacta, monoparental e reconstituída.
2. Avaliar se há diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica e na vinculação aos pais dos adolescentes de acordo com o seu género: masculino ou feminino.
3. Por fim, avaliar se existem diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes de acordo com a classe socioeconómica a que pertencem.

De acordo com os objetivos gerais e específicos delineados, as variáveis dependentes são a vinculação aos pais e a saúde psicológica.

As variáveis independentes são a constituição do agregado familiar, o género e o nível socioeconómico. A variável independente principal é a constituição do agregado familiar, centrando-se o estudo nesta variável. As restantes variáveis – género e nível socioeconómico – são variáveis secundárias.

Assim, a partir dos objetivos específicos definidos colocam-se as seguintes hipóteses:

H1. Espera-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes de acordo com as várias tipologias familiares (Perales et al., 2016; Meggiolaro & Ongaro, 2014; Gath, 2021; Costa, 2020).

H2. Espera-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na vinculação dos adolescentes aos seus pais de acordo com as várias tipologias familiares (Moura & Matos, 2008; Arnett, 2013; Zhou et al., 2008).

H3. Prevê-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes, de acordo com o seu género, demonstrando o género feminino menos saúde psicológica comparativamente com o género masculino (Marquez et al., 2022; Melo & Mota, 2013; Costa, 2020).

H4. Espera-se encontrar diferenças estatisticamente significativas entre géneros (feminino e masculino) na vinculação dos adolescentes aos seus pais (Ruhl, Dolan & Buhrmester, 2014; Devi et al., 2017; Moura & Matos, 2008).

H5. Espera-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos jovens de acordo com o nível socioeconómico dos seus pais (Case et al., 2000).

Participantes

Os participantes são crianças e adolescentes residentes em Portugal com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos que frequentam o 2.º e 3.º ciclo do ensino básico.

A amostra deste estudo é constituída por 94 participantes, sendo 33 elementos do género masculino e 61 do género feminino. A idade dos participantes está compreendida entre os 11 e

os 18 anos, havendo 8 participantes com 11 anos, 16 com 12 anos, 16 com 13 anos, 23 com 14 anos, 23 com 15 anos, 6 com 16 anos, 1 com 17 anos e 1 com 18 anos. O estudo dirige-se a integrantes do 2.º e 3.º ciclo do ensino básico, ou seja, entre o 6.º e o 9.º ano. A amostra é assim constituída por 16 alunos do 6.º ano, 18 do 7.º ano, 18 do 8.º ano e 41 do 9.º ano.

Optou-se por estas idades pois a adolescência é uma fase importante no ciclo vital em que ocorrem uma série de mudanças estruturais, psicológicas, hormonais e sociais (Martin, 2019). Neste período do início da adolescência, a criança tem de lidar com as mudanças do seu corpo que ocorrem devido à puberdade; os pares tomam um papel mais importante na sua vida; a cognição desenvolve-se mais e a forma como o jovem vê a sua autoidentidade torna-se mais complexa (Arnett, 2013). Nesta fase também o relacionamento com os pais tende a mudar. Apesar de, para a maioria dos jovens, os pais continuarem a ser uma fonte importante de amor, proteção e conforto (Larson et al., como citado em Arnett, 2013), na adolescência os jovens passam a dar maior importância ao seu grupo de amigos, despendendo mais tempo nestas relações de pares (Arnett, 2013). Além disso, vários estudos revelam que o conflito com os pais aumenta exponencialmente no início da adolescência (Laursen, Coy & Collins, 1998; Van Doorn et al., 2011, como citado em Arnett, 2013).

Todas estas alterações na relação entre pais e filhos nesta idade resultam em desequilíbrio no sistema familiar. Segundo a Teoria dos Sistemas – um dos modelos teóricos mais usados para entender e intervir na família – a família é um sistema, na medida em que funciona como uma unidade formada por membros que interagem entre si, havendo entre eles determinados vínculos e mantendo-se certas transações (Dias, 2011). Neste sistema, há uma interdependência de todos os elementos, sendo que o que acontece a um afeta todos os outros.

A Teoria dos Sistemas alicerça-se em dois princípios: o primeiro afirma que cada subsistema influencia os outros subsistemas familiares; o segundo afirma que qualquer mudança num elemento da família ou num dos subsistemas resulta num período de desequilíbrio, até que o sistema familiar se consiga adaptar à mudança (Arnett, 2013).

Assim, globalmente esta investigação visa explorar a forma como estas mudanças na tipologia familiar (divórcio, recasamento, etc.) afetam o bem-estar psicológico e o tipo de vinculação aos pais, numa fase da vida da criança já ela marcada por muitos desafios e mudanças (puberdade, desenvolvimento cognitivo e emocional e formação do *self*). Para o bem-estar da família e o desenvolvimento saudável do jovem, o sistema familiar terá de se adaptar a todas estas mudanças, reencontrando o equilíbrio.

Procedimentos

O processo de recolha de dados para este estudo foi algo complexo. Devido às características da população alvo, foi necessário realizar a recolha em Escolas ou Agrupamentos de Escolas. Antes da recolha de dados propriamente dita, foi preciso pedir a autorização para a administração do inquérito em contexto escolar à Direção Geral da Educação (DGE). Assim, registou-se o inquérito na plataforma online da DGE, fornecendo dados importantes sobre a investigação, como a sua designação, descrição, objetivos, periodicidade, universo, unidade de observação e método de recolha de dados. Além disto, enviaram-se também para a DGE, 4 documentos, sendo eles: o “Instrumento de inquirição”, ou seja, o questionário a administrar nas escolas; a “Nota Metodológica”, um documento *Word* com as etapas da investigação e outros pormenores referentes à metodologia da investigação; o modelo de consentimento informado a entregar aos encarregados de educação e, por fim, a Declaração do Orientador, um documento assinado em que o orientador da tese, o Professor Doutor Carlos Gonçalves, declarou ter conhecimento e ter concordado com o metodologia e instrumentos a administrar na população alvo.

No mês de fevereiro de 2024, a DGE autorizou a recolha de dados nas escolas públicas do Ministério da Educação, enviando um email em que aprovou a metodologia da investigação e os instrumentos a administrar. Em meados do mês de março, comecei a procurar escolas e agrupamentos que se disponibilizassem a administrar o meu questionário de investigação, que se encontrava aberto a respostas de forma *online* no *website Google Forms*. Assim, enviei *emails* para cerca de 15 escolas e agrupamentos, tendo, em muitos casos, me dirigido à sede do agrupamento em questão e realizado chamadas telefónicas para manifestar o meu interesse. Além disso, recorri também à minha rede de contactos, de forma a tentar obter mais respostas. Porém, apesar de ter procurado bastante, apenas um agrupamento me deu resposta positiva de que estariam disponíveis a administrar o meu questionário de investigação.

Assim sendo, no início do mês de abril, depois de um contacto presencial com o diretor do Agrupamento de Escolas de Gaia Nascente, dirigi-me à sede do agrupamento com o propósito de entregar 320 folhas com consentimentos informados para os pais. Este número foi acordado com o orientador da tese de mestrado, sendo considerado suficiente para a investigação em causa. Apesar disso, até ao final do ano letivo, apenas se obtiveram 94 respostas ao questionário de investigação, um número muito mais reduzido do que o esperado. Apesar disso, as respostas foram suficientes para fazer alguma análise estatística básica, como veremos mais à frente nesta dissertação de mestrado.

Por fim, é ainda importante referir que foi pedida a autorização (via *email*) para a utilização das duas escalas presentes no questionário desta investigação aos autores das mesmas, tendo sido a resposta positiva para ambas as escalas.

Instrumentos utilizados

a. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico é constituído pelas seguintes perguntas: idade, género, ano de escolaridade, estrutura familiar, constituição do agregado familiar (“como quem vivo?”) e profissão dos pais (de forma a avaliar o nível socioeconómico da família). Os dados para a variável de estrutura familiar foram obtidos recorrendo às respostas que os adolescentes deram em ambas as perguntas de estrutura familiar e constituição familiar, de forma a confirmar as respostas.

Para avaliar o nível socioeconómico da família, definiram-se 4 categorias de nível socioeconómicas, a descrever de seguida: definiu-se que os adolescentes que tinham pais cuja profissão era pouco especializada e pouco remunerada como pertencendo à categoria de nível socioeconómico baixo; os adolescentes que tinham pais cuja profissão era pouco especializada ou pouco remunerada definiram-se como pertencendo à categoria de nível socioeconómico médio; os adolescentes que tinham pais com uma profissão pouco especializada mas bem remunerada ou muito especializada mas com remuneração média foram integrados na categoria de nível socioeconómico médio-alto; por fim, os adolescentes que tinham pais com uma profissão muito bem remunerada e especializada, foram definidos como pertencendo à categoria de nível socioeconómica alta.

b. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001)

Para avaliar a vinculação dos adolescentes aos pais utilizou-se a escala “Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe”, adaptado à população portuguesa por Matos & Costa (2001). Esta escala é constituída por 30 itens que são respondidos separadamente, relativamente à relação com o pai ou com a mãe. A escala é constituída por 3 fatores: Inibição da Exploração e da Individualidade (10 itens; ex: “Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.”); Qualidade do Laço Emocional (10 itens; ex: “Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.”); Ansiedade de Separação (10 itens;

ex: “Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.”). Os participantes respondem numa escala de *Likert* de 6 pontos, correspondendo (1) a “discordo totalmente” e (6) a “concordo totalmente” (Matos & Costa, 2001).

Na utilização deste instrumento neste estudo, foi retirado o item 29 da subescala da “Ansiedade de Separação”: “se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a)”. Este item foi retirado porque se considerou que não fazia parte do contexto de vida dos adolescentes portugueses, logo seria difícil que se identificassem com o item.

No presente estudo, o instrumento apresenta valores de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) de dimensões bastante adequadas. Para a mãe, integrando todas as subescalas, o valor de alfa foi de 0,88, enquanto para o pai, também integrando todas as subescalas foi de 0,89. Por subescala, os valores foram os seguintes: na subescala “Inibição da Exploração e da Individualidade, os valores foram de 0,83 e 0,85, relativamente à mãe e ao pai, respetivamente; na subescala “Qualidade do Laço Emocional”, os valores foram de 0,96, para ambos os pais; por fim, na subescala “Ansiedade de Separação”, os valores foram de 0,83 e 0,85, relativamente à mãe e ao pai, respetivamente.

c. Escala de Problemas Psicológicos (Neto, 2009)

A saúde psicológica será avaliada recorrendo à “Escala de Problemas Psicológicos”. Esta escala foi validada para a população portuguesa por Neto (2009) e possui 15 itens. Os participantes respondem numa escala de *Likert* de 5 pontos, sendo que (1) equivale a “nunca” e (5) equivale a “muitas vezes” (Neto, 2009). Alguns exemplos de afirmações desta escala, são: “Sinto-me cansado”; “Sinto-me infeliz e triste”.

Neste estudo, o instrumento apresenta um valor de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) muito adequado, sendo o valor de *alpha* 0,93.

Resultados

Numa primeira análise estatística, começou-se por realizar uma análise univariada das várias variáveis da investigação. Focar-nos-emos nas variáveis a analisar de acordo com as hipóteses da investigação, apresentando a suas análises descritivas.

	Frequência	Porcentagem
Masculino	33	35,1
Feminino	61	64,9
Total	94	100,0

Tabela 1. Variável "Gênero"

Em relação à variável “gênero”, os participantes do gênero feminino foram praticamente o dobro dos participantes do gênero masculino, existindo bastante discrepância.

	Frequência	Porcentagem
Pais biológicos juntos	64	68,1
Família monoparental	11	11,7
Família reconstituída - padrasto ou madrasta	19	20,2
Total	94	100,0

Tabela 2. Variável "Estrutura Familiar"

Na variável “estrutura familiar”, a grande maioria dos adolescentes vivia numa família intacta, sendo as outras tipologias familiares minoritárias. É importante referir que, em relação à constituição das famílias monoparentais deste estudo, todos os adolescentes viviam unicamente com a mãe.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Nível socioeconómico baixo	10	10,6	11,1	11,1
Nível socioeconómico médio	58	61,7	64,4	75,6
Nível socioeconómico médio alto	15	16,0	16,7	92,2
Nível socioeconómico alto	7	7,4	7,8	100,0
Total	90	95,7	100,0	
Não sabe/Não responde	4	4,3		
Total	94	100,0		

Tabela 3. Variável "Nível Socioeconómico"

Na variável “nível socioeconómico”, a grande maioria dos adolescentes relatou viver numa família de nível socioeconómico médio, seguindo-se do nível socioeconómico médio alto, depois pelo nível socioeconómico baixo, sendo o nível socioeconómico alto aquele que menos adolescentes relataram ser a categoria da sua família.

Relativamente aos resultados obtidos nos instrumentos de avaliação (Escala de Problemas Psicológicos e Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe), estes são apresentados de seguida.

Na Escala de Problemas Psicológicos, de acordo com os *scores* obtidos pelos adolescentes, a média foi de 2,36 (DP=0,97), o que revela que, na globalidade, os adolescentes relatam poucos sintomas de problemas psicológicos, uma vez que o ponto de corte é superior à média dos *scores* obtidos pelos participantes.

No que diz respeito à Vinculação ao Pai e à Mãe, foram obtidos vários *scores* para cada subescala, divididos também para a mãe e para o pai dos adolescentes.

Dentro da subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, para a mãe, o *score* médio dos adolescentes foi 3,12 (DP=1,08). Já para o pai, na mesma subescala, o *score* médio dos adolescentes foi de 3,18 (DP=1,47).

Na subescala de Qualidade do Laço Emocional, para a mãe, o *score* médio dos adolescentes foi de 5,25 (DP=1,05). Para o pai, na mesma subescala, o *score* médio dos adolescentes foi de 4,92 (DP=1,30).

Por fim, na subescala da Ansiedade de Separação, para a mãe, o *score* médio dos adolescentes foi de 4,21 (DP=1,06). Enquanto para o pai, na mesma subescala, o *score* médio dos adolescentes foi de 3,96 (DP=1,15).

Podemos assim observar que, relativamente à subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, os *scores* dos adolescentes foram muito semelhantes em relação ao pai e à mãe. Já na subescala de Qualidade do Laço Emocional, os *scores* dos adolescentes foram superiores quando se tratava da mãe comparativamente com o pai, o que aponta para que os adolescentes tenham, na generalidade uma maior qualidade do laço emocional com a sua mãe. Também na subescala da Ansiedade de Separação, os *scores* dos adolescentes foram superiores em relação à mãe do que para o pai, o que aponta para que os adolescentes tenham uma maior ansiedade de separação relativamente à sua mãe do que ao seu pai.

Depois da análise univariada, realizaram-se uma série de análises bivariadas para testar as hipóteses da investigação. Antes de se realizarem estas análises, foi necessário testar o pressuposto da normalidade com o teste de *Shapiro-Wilk*. De acordo com os resultados deste teste, os dados não seguem uma distribuição normal, uma vez que os valores de significância

são inferiores a 0,05. Porém, são uma exceção os valores relativos aos *scores* da Inibição da Exploração e da Individualidade para a mãe e para o pai cruzados com a variável “estrutura familiar”, que foram superiores a 0,05, logo apresentam uma distribuição normal. Assim sendo, para realizar as análises estatísticas utilizaram-se testes não-paramétricos, considerando a assimetria da amostra e o facto de não existirem variáveis verdadeiramente nominais nesta investigação. Apenas na análise da relação entre o *score* da Inibição da Exploração e da Individualidade com as diferentes estruturas familiares se utilizou a *ANOVA Oneway*.

Primeiramente foi realizada uma análise bivariada por género, cruzando esta variável com os *scores* da Escala de Problemas Psicológicos e do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe. Utilizou-se o teste de *Mann-Whitney*.

Começou-se assim pelo cruzamento entre o Género e os *scores* do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, divididos por subescalas.

Na subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, relativamente à mãe, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre raparigas e rapazes ($p=0,004$), sendo que o *score* das raparigas ($M=3,32$ e $DP=1,08$) foi ligeiramente superior ao *score* dos rapazes ($M=2,74$ e $DP=0,98$). Também na mesma subescala, mas relativamente ao pai, existem igualmente diferenças estatisticamente significativas entre raparigas e rapazes ($p=0,005$), sendo que o *score* das raparigas ($M=3,40$ e $DP=1,18$) foi novamente superior ao *score* dos rapazes ($M=2,77$ e $DP=0,98$).

Desta forma, podemos concluir que, na generalidade, as raparigas sentem-se mais inibidas, por parte de ambos os pais do que os rapazes.

Score da inibição da exploração e da individualidade (mãe; de 1 a 6)	
Mann-Whitney U	640,500
Wilcoxon W	1201,500
Z	-2,902
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,004

a. Grouping Variable: Género

Tabela 4. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o *score* da “inibição da exploração e da individualidade” relativamente à mãe

Score da inibição da exploração e da individualidade (pai; de 1 a 6)	
Mann-Whitney U	656,000
Wilcoxon W	1217,000
Z	-2,779
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,005
a. Grouping Variable: Género	

Tabela 5. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da "inibição da exploração e da individualidade" relativamente ao pai

Já na subescala da Qualidade do Laço Emocional, em relação à mãe, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre raparigas e rapazes ($p < 0,001$), sendo que o score dos rapazes ($M=5,61$ e $DP=0,70$) foi ligeiramente superior ao das raparigas ($M=5,06$ e $DP=1,15$). Na mesma subescala, mas relativamente ao pai, os resultados foram semelhantes, uma vez que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ($p < 0,001$) e, novamente, em média, os rapazes ($M=5,41$ e $DP=1,07$) obtiveram um melhor score de qualidade emocional com o seu pai do que as raparigas ($M=4,66$ e $DP=1,34$).

Assim sendo, na generalidade, as raparigas demonstram uma menor qualidade de laço emocional a ambos os pais do que os rapazes, tendo estes demonstrado um melhor laço emocional em comparação.

Score da qualidade do laço emocional (mãe; de 1 a 6)	
Mann-Whitney U	587,000
Wilcoxon W	2478,000
Z	-3,346
Asymp. Sig. (2-tailed)	<0,001
a. Grouping Variable: Género	

Tabela 6. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da "qualidade do laço emocional" relativamente à mãe

	Score da qualidade do laço emocional (pai; de 1 a 6)
Mann-Whitney U	505,500
Wilcoxon W	2396,500
Z	-3,981
Asymp. Sig. (2-tailed)	<0,001

a. Grouping Variable: Género

Tabela 7. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da "qualidade do laço emocional" relativamente ao pai

Por último, na subescala de Ansiedade de Separação, não existiram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas no que diz respeito tanto à mãe ($p=0,53$) como ao pai ($p=0,86$).

Prosseguindo para a outra Escala, no que diz respeito aos resultados da análise entre Género e Problemas Psicológicos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os rapazes e as raparigas no *score* de problemas psicológicos ($p<0,001$). Em média, as raparigas ($M=2,66$ e $DP=0,98$) tiveram um *score* superior aos rapazes ($M=1,80$ e $DP=0,65$) nesta escala, evidenciando mais sintomas de problemas psicológicos.

	Score da escala de problemas psicológicos (de 1 a 5)
Mann-Whitney U	488,000
Wilcoxon W	1049,000
Z	-4,109
Asymp. Sig. (2-tailed)	<0,001

a. Grouping Variable: Género

Tabela 8. Teste de Mann-Whitney entre a variável "género" e o score da escala de problemas psicológicos

Atendendo aos resultados desta análise bivariada por Género, podemos confirmar as hipóteses 3 e 4 desta investigação, uma vez que os resultados obtidos validam-nas. Assim, existem diferenças de género na vinculação aos pais e na incidência de problemas psicológicos de acordo com os resultados obtidos nesta amostra específica.

De seguida, foi realizada uma análise bivariada por Nível Socioeconómico, cruzando esta variável com os scores da Escala de Problemas Psicológicos. Utilizou-se o teste de *Kruskal-Wallis* para amostras independentes. Nesta análise não foram encontradas nenhuma diferenças

estatisticamente significativas ($p=0,185$). Desta forma, de acordo com os resultados obtidos, a hipótese 5 desta investigação não foi confirmada, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas na incidência de problemas psicológicos entre adolescentes de diferentes níveis socioeconómicos.

Por último, para dar resposta aquele que é o principal objetivo da investigação, realizamos uma análise bivariada por Estrutura Familiar, cruzando esta variável com os scores do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e da Escala de Problemas Psicológicos. Foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis* para amostras independentes, com exceção da subescala da Inibição da Exploração e Individualidade do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, para a qual foi utilizado o teste *ANOVA Oneway*.

Iniciou-se assim a análise pela associação entre a Estrutura Familiar e os scores do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, divididos por subescalas.

Para a subescala da Inibição da Exploração da Individualidade, foi utilizada a *ANOVA*, pelo que antes de serem conhecidos os resultados da análise foi necessário verificar a homogeneidade da variância com o teste de *Levene*. Os resultados da significância do teste de *Levene* foram superiores a 0,05, o que confirma que existe homogeneidade das variâncias, logo é possível prosseguir para a análise com a *ANOVA*.

Na subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, relativamente a ambos os pais, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,236$ para a mãe; $p=0,467$ para o pai) entre as diferentes tipologias familiares (família intacta, família monoparental e família reconstituída).

Já na subescala da Qualidade do Laço Emocional, relativamente à mãe, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes tipologias familiares ($p=0,043$), sendo que as diferenças existem no score dos adolescentes de família monoparental e os da família intacta (“pais biológicos juntos”) ($p=0,040$). Também na mesma subescala, mas relativamente ao pai, existem igualmente diferenças estatisticamente significativas entre estruturas/tipologias familiares ($p=0,001$), existindo novamente diferenças entre o score dos adolescentes de família monoparental e o das famílias com os “pais biológicos juntos”. Podemos concluir que, relativamente a pai e mãe, os adolescentes de família intacta ($M=5,32$ e $DP=1,12$; $M=5,22$ e $DP=1,09$ mãe e pai, respetivamente) relataram, na amostra da investigação, um score de Qualidade de Laço Emocional superior aos adolescentes de família monoparental ($M=4,91$ e $DP=0,67$; $M=4,11$ e $DP=1,23$, mãe e pai, respetivamente).

Null Hypothesis	Test	Sig. ^{a,b}	Decision
1The distribution of Score da qualidade do laço emocional (mãe; de 1 a 6) is the same across categories of Estrutura Familiar.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	0,043	Reject the null hypothesis.

a. The significance level is ,050.

b. Asymptotic significance is displayed.

Tabela 9. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe

Sample 1-Sample 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj. Sig. ^a
Família monoparental- Família reconstituída - padrasto ou madrasta	-15,952	10,265	-1,554	0,120	0,361
Família monoparental-Pais biológicos juntos	21,902	8,843	2,477	0,013	0,040
Família reconstituída - padrasto ou madrasta-Pais biológicos juntos	5,950	7,078	0,841	0,401	1,000

Each row tests the null hypothesis that the Sample 1 and Sample 2 distributions are the same. Asymptotic significances (2-sided tests) are displayed. The significance level is ,050.

a. Significance values have been adjusted by the Bonferroni correction for multiple tests.

Tabela 10. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe

Null Hypothesis	Test	Sig. ^{a,b}	Decision
1The distribution of Score da qualidade do laço emocional (pai; de 1 a 6) is the same across categories of Estrutura Familiar.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	0,001	Reject the null hypothesis.

a. The significance level is ,050.

b. Asymptotic significance is displayed.

Tabela 11. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da "qualidade do laço emocional" relativamente ao pai

Sample 1-Sample 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj. Sig. ^a
Família monoparental-Família reconstituída - padrasto ou madrasta	-14,435	10,302	-1,401	0,161	0,483
Família monoparental-Pais biológicos juntos	29,362	8,875	3,308	<0,001	0,003
Família reconstituída - padrasto ou madrasta-Pais biológicos juntos	14,927	7,104	2,101	0,036	0,107

Each row tests the null hypothesis that the Sample 1 and Sample 2 distributions are the same.

Asymptotic significances (2-sided tests) are displayed. The significance level is ,050.

a. Significance values have been adjusted by the Bonferroni correction for multiple tests.

Tabela 12. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da "qualidade do laço emocional" relativamente ao pai

Por último, na subescala de Ansiedade de Separação, em relação à mãe, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes de diferentes tipologias familiares ($p=0,537$). Na mesma subescala, mas relativamente ao pai, ao contrário dos resultados para a mãe, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p = 0,007$), sendo estas diferenças entre adolescentes de família reconstituída e com os seus pais biológicos juntos. Adolescentes da família "tradicional" (intacta) ($M=4,21$ e $DP=1,04$)

demonstraram um *score* de ansiedade de separação em relação ao pai superior ao *score* dos adolescentes de família reconstituída ($M=3,41$ e $DP=1,30$). Adolescentes da família “tradicional” apresentaram também um *score* superior ao *score* dos adolescentes de família monoparental ($M=3,42$ e $DP=1,07$) apesar das diferenças não serem significativas.

Null Hypothesis	Test	Sig. ^{a,b}	Decision
1The distribution of Score da ansiedade de separação (pai; de 1 a 6) is the same across categories of Estrutura Familiar.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	0,007	Reject the null hypothesis.

Tabela 13. Teste Kruskal-Wallis entre a variável "estrutura familiar" e o score da "ansiedade de separação" relativamente ao pai

Sample 1-Sample 2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj. Sig. ^a
Família monoparental- Família reconstituída- padrasto ou madrasta	-2,780	10,325	-0,269	0,788	1,000
Família monoparental-Pais biológicos juntos	20,805	8,895	2,339	0,019	0,058
Família reconstituída - padrasto ou madrasta-Pais biológicos juntos	18,025	7,120	2,532	0,011	0,034

Each row tests the null hypothesis that the Sample 1 and Sample 2 distributions are the same.

Asymptotic significances (2-sided tests) are displayed. The significance level is ,050.

a. Significance values have been adjusted by the Bonferroni correction for multiple tests.

b. Asymptotic significance is displayed. The significance level is ,050.

Tabela 14. Comparações entre as várias estruturas familiares na associação com o score da "ansiedade de separação" relativamente ao pai

Continuando para a outra Escala, no que diz respeito aos resultados da análise entre Estrutura Familiar e Problemas Psicológicos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes de diferentes tipologias familiares ($p=0,59$).

Para concluir e tendo em conta os resultados desta análise bivariada por Estrutura Familiar, podemos confirmar a hipótese 2, uma vez que os resultados obtidos validam-na. Assim, existem diferenças na vinculação aos pais de acordo com a estrutura familiar do adolescente. Pelo contrário, não foi possível confirmar a hipótese 1, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas na incidência de problemas psicológicos entre adolescentes de diferentes estruturas familiares, de acordo com os resultados obtidos nesta amostra específica.

Além de todas estas análises e apesar de não corresponder a uma das hipóteses deste estudo, foi realizada uma série de teste estatísticos de correlações entre os *scores* do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e os *scores* da Escala de Problemas Psicológicos para perceber se existiram algum tipo de correlações entre estas duas variáveis. Para isto, foi utilizado o Teste de *Pearson* para as variáveis com distribuição normal e sem *outliers* e o Teste de *Spearman* para as variáveis que apresentavam *outliers*. Foram encontradas várias correlações, dando relevância apenas aquelas que possuem um valor superior a 0,40.

De forma pouco surpreendente, os *scores* relativos à mãe em cada subescala correlacionaram-se de forma positiva e forte com os *scores* relativos ao pai para as mesmas subescalas do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe.

De forma menos esperada, o *score* da subescala da Ansiedade de Separação correlaciona-se com a subescala da Qualidade do Laço Emocional, tanto para o pai (0,526; $p<0,001$) como para a mãe (0,417; $p<0,001$), sendo a correlação para o pai ligeiramente mais forte. Ambas as correlações são fracas a moderadas.

Ainda, o *score* da Escala de Problemas Psicológicos correlacionou-se com o *score* da subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, tanto relativamente à mãe (0,408; $p<0,00$) como para o pai (0,409; $p<0,001$). Ambas as correlações são fracas.

Por fim, o *score* da Escala de Problemas Psicológicos correlacionou-se de forma negativa com a subescala da Qualidade do Laço Emocional, tanto relativamente à mãe (-0,365; $p<0,001$) como para o pai (-0,506; $p<0,001$), apesar da correlação para o pai ser mais forte. Ambas as correlações são fracas a moderadas.

Discussão

O principal objetivo desta investigação visava avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas na vinculação aos pais e no bem-estar psicológico em adolescentes do 2.º e 3.º ciclo de escolaridade, nas diferentes tipologias familiares: família intacta, monoparental e reconstituída.

Este estudo tinha mais dois objetivos secundários: (a) avaliar se existiriam diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica e na vinculação aos pais dos adolescentes de acordo com o seu género (masculino ou feminino); (b) avaliar se existiriam diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes de acordo com o nível socioeconómico das famílias a que pertenciam.

Segundo a primeira hipótese desta investigação científica, esperava-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes de acordo com as várias tipologias familiares, os resultados não foram estatisticamente significativos, em desacordo com a maioria dos dados da literatura científica existente sobre o domínio. Este resultado pode ser explicado pela discrepância da amostra, no que refere às várias tipologias, onde predomina a família intacta/tradicional (64 adolescentes) em relação à família monoparental (11 adolescentes) e reconstituída (19 adolescentes). Podemos concluir que a primeira hipótese deste estudo não foi confirmada, tendo em conta os resultados do estudo, em virtude da constituição discrepante da amostra. Porém, é relevante referir também que alguns estudos não detetam diferenças significativas no bem-estar psicológico dos jovens e crianças dependendo da tipologia familiar, como é o caso do estudo de Melo & Mota (2013).

De acordo com a segunda hipótese do estudo, esperava-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na vinculação dos adolescentes aos seus pais de acordo com as várias tipologias familiares. Nesta análise entre variáveis, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas subescalas da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe e ao pai e na “ansiedade de separação” unicamente em relação ao pai entre as diferentes tipologias familiares dos adolescentes.

Na subescala da “qualidade do laço emocional”, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os *scores* de adolescentes de família “tradicional” e os de família monoparental, sendo que os adolescentes de família “tradicional” demonstraram *scores* mais elevados de qualidade do laço emocional do que os adolescentes de família monoparental. A análise detetou estas diferenças tanto em relação à vinculação ao pai, como em relação à vinculação à mãe.

Estes resultados são suportados pela literatura científica existente. Vários estudos apontam para o impacto negativo do divórcio na qualidade do laço emocional da criança/adolescente para com ambos os pais (Woodward, Fergusson & Belsky, 2000; Moura & Matos, 2008). No entanto, a maioria dos estudos revela que o divórcio afeta a vinculação do adolescente ao pai ou à mãe de forma diferente. Para expor estas diferenças entre vinculação à mãe e ao pai, focar-mos-emos nas famílias monoparentais em que o adolescente vive com a mãe, uma vez que todos os participantes deste estudo que declararam pertencer a uma família monoparental viviam unicamente com a sua mãe, sendo também esta a configuração mais comum na população portuguesa. Relativamente ao vínculo com o pai, após o divórcio, o laço emocional entre pai e filho adolescente tende a ser mais frágil devido a motivos óbvios, uma vez que o adolescente deixa de viver com o seu pai e passa menos tempo com ele, o que se traduz em menor envolvimento e contacto (Moura & Matos, 2008). Já em relação ao vínculo com a mãe, os resultados dos estudos não são tão consistentes entre si. Alguns estudos apontam para que a relação entre mãe e adolescente pouco se altera (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Dunlop, Burns & Bermingham, 2001, como citado em Moura & Matos, 2008). Outros estudos evidenciaram uma diminuição da qualidade da vinculação do adolescente com a sua mãe. De acordo com um estudo de Zhou et al. (2008), a mãe torna-se menos carinhosa, mais permissiva e menos consistente na forma como exerce a sua parentalidade, comparativamente com o período antes do divórcio. Além disso, o estudo de Koerner et al. (2004) aponta para que, depois do divórcio, a mãe tenha tendência a colocar o adolescente na posição de seu confidente, o que, a curto-prazo, pode ter um efeito positivo, levando o adolescente a sentir-se lisonjeado pela sua mãe desabafar sobre assuntos sensíveis consigo; porém, a longo-prazo e, na maioria dos adolescentes, estes desabafos levam o adolescente a sentir-se assoberbado, preocupado e frustrado com a mãe, sendo o papel de confidente demasiado exigente emocionalmente para o adolescente.

Já na subescala da “ansiedade de separação”, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a vinculação de adolescentes de diferentes tipologias familiares unicamente em relação ao pai, sendo estas diferenças entre os adolescentes de família reconstituída e de família “tradicional”. Desta forma, os adolescentes da família “tradicional” demonstraram um *score* de ansiedade de separação em relação ao pai superior ao *score* dos adolescentes de família reconstituída. Além disso, os adolescentes da família “tradicional” ou intacta apresentaram também um *score* superior ao *score* dos adolescentes de família monoparental, apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas.

Estes resultados podem ser explicados de duas formas. Nas famílias reconstituídas compostas pela mãe biológica e um padrasto, dependendo de quando ocorreu o divórcio dos pais biológicos e consequente recasamento da mãe, o adolescente pode praticamente não ter nenhum relacionamento com o pai biológico, uma vez que o envolvimento e contacto do pai com o filho diminui e esta distância emocional e física tende a acentuar-se com o tempo e crescimento da criança (Moura & Matos, 2008). Este reduzido envolvimento e contacto entre o pai biológico e o adolescente tem como consequência a redução da ansiedade da separação do adolescente em relação ao pai, pois esta separação torna-se expectável e natural. Por outro lado, nas famílias reconstituídas compostas pelo pai biológico e uma madrasta, a inclusão de um novo membro da família (a nova mulher do pai) tem tendência a impactar negativamente a relação entre pai e filho (Cartwright, 2005; King, 2009., como citado em Maes & Van Bavel, 2024). O adolescente pode ter ciúmes desta nova pessoa a quem o pai dará mais atenção e, em alguns casos, pode não gostar da forma como a madrasta fala da mãe biológica, uma vez que sente lealdade para com ela apesar do novo relacionamento do pai (Maes & Van Bavel, 2024). Esta tensão na dinâmica familiar, pode levar o adolescente a passar menos tempo em casa, o que consequentemente pode impactar negativamente a qualidade da relação entre pai e filho (Maes & Van Bavel, 2024). Neste estudo, uma menor qualidade do laço correlaciona-se também com uma menor ansiedade de separação, como iremos ver mais tarde.

Ainda relativamente a esta subescala, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, os adolescentes da família intacta apresentaram um score de ansiedade de separação superior ao score dos adolescentes de família monoparental, o que vai de acordo com os resultados de estudos que mostram um maior afastamento entre pais e filhos após o divórcio em adolescentes que vivem unicamente com a mãe (Moura & Matos, 2008; Arnett, 2013) o que contribui para uma menor ansiedade de separação. O facto de não as diferenças encontradas neste estudo não serem estatisticamente significativas deve-se, provavelmente, ao baixo número de participantes que enviesa os resultados.

Podemos concluir, atendendo aos resultados do estudo, que a segunda hipótese deste estudo foi confirmada.

Ainda relativamente a esta hipótese, pode ser ainda relevante afirmar que, de acordo com as correlações realizadas para a análise de resultados, o score da subescala da Ansiedade de Separação correlaciona-se com a subescala da Qualidade do Laço Emocional, tanto para o pai como para a mãe, sendo a correlação para o pai ligeiramente mais forte, apesar de ambas as correlações são fracas a moderadas. Este resultado vai de encontro à literatura existente que

associa uma menor qualidade do laço a uma menor ansiedade de separação, como foi visto anteriormente (Maes & Van Bavel, 2024).

Prosseguindo para a terceira hipótese do estudo, de acordo com esta hipótese esperava-se encontrar diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos adolescentes em função do género, ou seja, o género feminino teria uma pior saúde psicológica comparativamente com o género masculino. Esta hipótese foi confirmada, uma vez que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos *scores* de problemas psicológicos entre rapazes e raparigas, sendo que as raparigas revelaram um *score* mais elevado de problemas psicológicos do que os rapazes, o que já era de esperar de acordo com estudos anteriores. Estudos de vários países já demonstraram que as raparigas têm uma maior prevalência de depressão e ansiedade do que os rapazes (Blakemore, 2019; Collishaw, 2015; Kessler & Zhao, 1999, como citado em Marquez et al., 2022). Acrescentam-se também os resultados de um estudo português de 2020, que confirmam que as adolescentes do género feminino relatam menor satisfação com a vida pessoal e familiar, menos afeto positivo, inteligência emocional, vontade de viver e menor saúde mental comparativamente com os rapazes (Costa, 2020).

Avançando para a quarta hipótese deste estudo, de acordo com esta hipótese, esperava-se encontrar diferenças estatisticamente significativas entre géneros (feminino e masculino) na vinculação dos adolescentes aos seus pais. Nesta análise entre variáveis, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas subescalas da “qualidade do laço emocional” relativamente à mãe e ao pai e na “inibição da exploração e da individualidade” novamente em relação à mãe e ao pai entre os dois géneros (feminino e masculino).

Na subescala “qualidade do laço emocional”, para ambos os pais, as raparigas tiveram um menor *score* do que os rapazes, o que se revela que, neste estudo, as raparigas têm um menor laço emocional com os seus pais do que os rapazes. Estes resultados não esperados estão em desacordo com vários estudos, em que as raparigas demonstraram, comparativamente com os rapazes, possuir uma vinculação mais segura e forte com os seus pais (Buist et al., 2002; Choi et al., 2012, como citado em Ruhl, Dolan & Buhrmester, 2014; Devi et al., 2017), procurando uma maior proximidade deles (Matos & Costa, 2006). Apesar dos resultados obtidos neste estudo irem contra as evidências, se analisados juntamente com os resultados obtidos na subescala da “inibição da exploração e da individualidade”, parecem fazer mais sentido, como será analisado mais à frente.

Na subescala “inibição da exploração e da individualidade”, os resultados foram contrários à subescala anterior: as raparigas tiveram um maior *score* do que os rapazes, relativamente a ambos os pais, o que revela que as raparigas se sentem mais inibidas na sua exploração e individualidade pelos seus pais do que os rapazes. Estes resultados vão de encontro à literatura existente, uma vez que, em vários estudos, foi revelado que as raparigas percecionam mais controlo comportamental por parte dos pais, do que os rapazes (Van Lissa et al., 2019; Luebbe et al., 2014; Shek, 2008; Smetana & Daddis, 2002., como citado em Bacikova-Sleskova et al., 2024). Algum controlo comportamental por parte dos pais está correlacionado, em vários estudos, com menos comportamento problemático por parte dos adolescentes, menos uso de drogas e comportamentos sexuais de risco, entre outras consequências positivas (Bacikova-Sleskova et al., 2024). Porém, outro estudo revelou que crianças que percecionavam maior controlo comportamental demonstravam também menores níveis de regulação emocional (Van Lissa et al., 2019) e um controlo parental percecionado pelos adolescentes como excessivo relacionou-se a sentimentos de incompetência e, consequentemente, uma autoestima mais baixa (Kakihara, 2010). Além disso, outro tipo de controlo exercido pelos pais, o controlo psicológico revelou, em vários estudos, ter um impacto negativo nos adolescentes, contribuindo para uma menor autoestima e bem-estar psicológico diminuído e mais ansiedade e sintomas depressivos (Cui et al., 2014, Mabbe et al., 2016, Costa et al., 2015, como citado em Bacikova-Sleskova et al., 2024). Comportamentos de controlo psicológico por parte dos pais têm tendência a originar mais conflitos com os adolescentes, estando associado este comportamento parental a um menor laço dos pais com os seus filhos adolescentes (Güngör & Bornstein, 2010, como citado em Bacikova-Sleskova et al., 2024). Assim sendo, comportamentos parentais de controlo psicológico e comportamental como descritos na subescala “inibição da exploração e da individualidade”, estão associados a uma menor qualidade do laço emocional com os pais (especialmente os de controlo psicológico), o que pode explicar os resultados inferiores das raparigas na subescala “qualidade do laço emocional”.

Partindo dos resultados deste estudo concluímos que a quarta hipótese foi confirmada.

De acordo com estes resultados, é ainda relevante afirmar que na análise estatística deste estudo foi encontrada uma correlação positiva, apesar de fraca, entre o *score* da Escala de Problemas Psicológicos e o *score* da subescala da Inibição da Exploração e da Individualidade, tanto relativamente à mãe como para o pai, o que está em linha com a literatura científica existente sobre o assunto que aponta para que o controlo parental possa estar associado

problemas psicológicos e a um menor vínculo emocional com os pais (Kakihara, 2010; Bacikova-Sleskova et al., 2024).

Por último, de acordo com a quinta hipótese, em que se esperava encontrar-se diferenças estatisticamente significativas na saúde psicológica dos jovens de acordo com o nível socioeconómico dos seus pais, face aos resultados obtidos, esta hipótese não foi confirmada, que se poderá justificar-se pelo número reduzido de participantes em cada subgrupo de nível socioeconómico e por uma categorização inadequada com demasiados níveis socioeconómicos.

Além destas hipóteses, foi identificado neste estudo um resultado que pode ser relevante sinalizar. Na análise estatística foi realizada uma série de correlações, encontrando-se correlações negativas entre o *score* da Escala de Problemas Psicológicos e o *score* da subescala da Qualidade do Laço Emocional, tanto relativamente à mãe como para o pai.

Apesar de ambas as correlações serem baixas a moderadas, vão de encontro à literatura existente que aponta existir uma relação entre os problemas psicológicos dos adolescentes e uma menor qualidade de laço emocional com os seus pais (Kerns et al., 2022; King & Boyd, 2016; Mota & Matos, 2008).

Conclusão

Esta dissertação de mestrado é um modesto contributo exploratório que visou estudar a relação das diferentes tipologias familiares com a vinculação parental e a saúde psicológica dos adolescentes, sendo o género e o nível sociodemográfico variáveis moderadoras. Apresentam-se, de seguida, as potencialidades, limitações deste estudo e finaliza-se com algumas sugestões para investigações futuras neste domínio.

Potencialidades

A principal potencialidade que relevaria deste estudo é o facto da sua temática permanecer ainda relativamente inexplorada no campo de investigação científica em Portugal, apesar da sua importância crescente. Como foi referido no enquadramento conceptual deste estudo, existe cada vez mais um maior número de crianças que vivem em tipologias familiares que não a família “tradicional” e é relevante estudar os efeitos destes diferentes tipos de família no bem-estar das crianças e adolescentes.

Além disso, esta investigação foi constituída por um abrangente e relevante conjunto de objetivos e hipóteses científicas de relevo, baseado em estudos científicos anteriores e tendo em conta as variáveis moderadoras (género e nível socioeconómico) que poderiam influenciar os resultados.

Limitações

A maior limitação deste estudo é, sem dúvida, o número de participantes. O número de respostas foi reduzido e bastante inferior ao que era esperado, o que dificultou uma análise estatística mais precisa e aprofundada.

A recolha de respostas foi mais difícil do que o esperado, uma vez que das cerca de 15 escolas e agrupamentos contactados apenas um aceitou realizar a recolha de respostas dos alunos e dos 320 consentimentos informados distribuídos no agrupamento, apenas 94 respostas foram obtidas.

Face a esta limitação, não é possível que os resultados desta investigação possam ser um contributo para compreender a realidade da população portuguesa acerca desta temática.

Investigações Futuras

Em investigações futuras seria importante para o conhecimento científico realizar mais investigações nesta temática com mais participantes. Esses estudos poderiam ser mais incisivos, focando em famílias monoparentais ou reconstituídas e aprofundando mais o conhecimento em cada uma dessas tipologias familiares separadamente. Num próximo estudo sobre famílias monoparentais e/ou reconstituídas seria importante conhecer a idade da criança e/ou adolescente na altura do divórcio, uma vez que isso influencia no impacto que essa mudança teve na vida da criança, de acordo com a sua fase de desenvolvimento. Em relação a um estudo futuro que incidisse especificamente nas famílias reconstituídas seria também essencial categorizar a sua composição, ou seja, compostas por mãe biológica e padrasto ou pai biológica e madrasta, pois essas diferenças influenciam a dinâmica familiar e, logo, também a forma como a criança/adolescente interage na família.

Referências Bibliográficas

- Afifi, T. D., McManus, T., Hutchinson, S., & Baker, B. (2007). Inappropriate parental divorce disclosures, the factors that prompt them, and their impact on parents' and adolescents' well-being. *Communication Monographs*, 74(1), 78–102.
<https://doi.org/10.1080/03637750701196870>
- Arnett, J. (2013). *Adolescence and emerging adulthood*. Pearson.
- Bacikova-Sleskova, M., Barbierik, L., & Orosová, O. (2024). Perceived Parental Control, Parent-Adolescent Relationship and Adolescents' Psychological Adjustment. Does Gender Matter? *Journal of Child and Family Studies*, 33(5), 1632–1646.
<https://doi.org/10.1007/s10826-023-02643-8>
- Bastos, C. (2022). *Influências das múltiplas configurações de família em várias dimensões do desenvolvimento das crianças e adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Case, A., Lin, I., & McLanahan, S. (2001). Educational attainment in blended families. *Evolution and Human Behaviour*, 22, 269–289.
- Collishaw, S. (2015). Annual research review: Secular trends in child and adolescent mental health. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 56(3), 370–393. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12372>
- Constituição da República Portuguesa (2005). Art.º 36.,
<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
[acedido em 10.02.2024]
- Costa, M. F. (2020). *Efeitos da Estrutura Familiar nas Experiências e Representações Psicossociais dos Jovens* (Tese de Doutoramento).
- Delgado, P. (2016). Estrutura, estratégias e representações sociais da família em Portugal – Do antigo regime à modernidade. Lisboa: Edições Piaget.
- Devi, A. N., & Baruah, J. (2017). Parent-adolescent attachment as perceived by adolescents. *Indian Journal of Positive Psychology*, 8(2), 117–119.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na Perspectiva Sistémica: O processo de comunicação no Sistema Familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, (19), 139–156.
- Gath, M. E. (2022). Parents and Adolescents in Stepfamilies: Longitudinal Links to Physical Health, Psychological Distress, and Stress. *Journal of Child and Family Studies*, 31(1), 17–28. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02078-z>

- Homem, T. C., Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. L. F. (2009). Fatores Protectores e de Vulnerabilidade na Adaptação Emocional e Académica dos Filhos ao Divórcio dos Pais. *Psicologia*, XXIII(1), 7–25.
- Iguacel, I., Michels, N., Fernández-Alvira, J. M., Bammann, K., De Henauw, S., Felső, R., Gwozdz, W., Hunsberger, M., Reisch, L., Russo, P., Tornaritis, M., Thumann, B. F., Veidebaum, T., Børnhorst, C., & Moreno, L. A. (2017). Associations between social vulnerabilities and psychosocial problems in European children. Results from the IDEFICS study. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 26(9), 1105–1117. <https://doi.org/10.1007/s00787-017-0998-7>
- INE (2021). *O que nos dizem os censos sobre as estruturas familiares?*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Kakihara, F., Tilton-Weaver, L., Kerr, M., & Stattin, H. (2010). The relationship of parental control to youth adjustment: Do youths' feelings about their parents play a role? *Journal of youth and adolescence*, 39, 1442–1456. <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9479-8>
- Kerns, K. A., Obeldobel, C. A., Kochendorfer, L. B., & Gastelle, M. (2022). Attachment Security and Character Strengths in Early Adolescence. *Journal of Child and Family Studies*. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02230-3>
- King, V., & Boyd, L. M. (2016). Factors Associated With Perceptions of Family Belonging Among Adolescents. *Journal of Marriage and Family*, 78(4), 1114–1130. <https://doi.org/10.1111/jomf.12322>
- Koerner, S. S., Wallace, S., Lehman, S. J., Lee, S. A., & Escalante, K. A. (2004). Sensitive Mother-to-Adolescent Disclosures After Divorce: Is the Experience of Sons Different From That of Daughters? *Journal of Family Psychology*, 18(1), 46–57. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.46>
- Maes, B., & Van Bavel, J. (2024). Beyond what meets the eye: loyalty in adolescents' accounts of the child-stepparent relationship. *Journal of Family Studies*, 30(4), 638–655. <https://doi.org/10.1080/13229400.2024.2304275>
- Mance, P., & Yu, P. (2010). Context, relationship transitions and conflict: Explaining outcomes for Australian youth from non-intact families. *Journal of Population Research*, 27(2), 75–105. <https://doi.org/10.1007/s12546-010-9033-2>
- Marquez, J., Katsantonis, I., Sellers, R., & Knies, G. (2022). Life satisfaction and mental health from age 17 to 21 years in a general population sample. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03685-9>
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.379>

- Meggiolaro, S., & Ongaro, F. (2014). Family contexts and adolescents' emotional status. *Journal of Youth Studies*, 17(10), 1306–1329. <https://doi.org/10.1080/13676261.2014.918246>
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 22(3), 344–352. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300004>
- Mota, C. P., & Melo, O. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia Em Estudo*, 18(4), 587–597. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400002>
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.341>
- Nasriddinovich, A. A. (2020). The features of appearing family in modern society. *European Science Review*, (3–4), 69–72. <https://doi.org/10.29013/esr-20-3.4-69-72>
- Neto, F. (2009). Predictors of mental health among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Family Psychology*, 23(3), 375–385. <https://doi.org/10.1037/a0015831>
- Perales, F., Johnson, S. E., Baxter, J., Lawrence, D., & Zubrick, S. R. (2017). Family structure and childhood mental disorders: new findings from Australia. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 52(4), 423–433. <https://doi.org/10.1007/s00127-016-1328-y>
- Ruhl, H., Dolan, E. A., & Buhrmester, D. (2014). Adolescent Attachment Trajectories With Mothers and Fathers: The Importance of Parent-Child Relationship Experiences and Gender. *Journal of Research on Adolescence*, 25(3), 427–442. <https://doi.org/10.1111/jora.12144>
- Segalen, M. (1996). Sociologia da família. Lisboa: Terramar.
- Vanaelst, B., De Vriendt, T., Ahrens, W., Bammann, K., Hadjigeorgiou, C., Konstabel, K., Lissner, L., Michels, N., Molnar, D., Moreno, L. A., Reisch, L., Siani, A., Sioen, I., & De Henauw, S. (2012). Prevalence of psychosomatic and emotional symptoms in European school-aged children and its relationship with childhood adversities: Results from the IDEFICS study. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 21(5), 253–265. <https://doi.org/10.1007/s00787-012-0258-9>
- Van Lissa, C. J., Keizer, R., Van Lier, P. A. C., Meeus, W. H. J., & Branje, S. (2019). The role of fathers' versus mothers' parenting in emotion-regulation development from mid-late adolescence: Disentangling between-family differences from within-family effects. *Developmental Psychology*, 55(2), 377–389. <https://doi.org/10.1037/dev0000612>
- Woodward, L., Fergusson, D. M., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and Family*, 62(1), 162–174. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00162.x>

- Yang, Y., & Jiang, J. (2023). Influence of family structure on adolescent deviant behavior and depression: the mediation roles of parental monitoring and school connectedness. *Public Health*, 217, 1–6. <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2023.01.013>
- Zhou, Q., Sandler, I. N., Millsap, R. E., Wolchik, S. A., & Dawson-McClure, S. R. (2008). Mother-child relationship quality and effective discipline as mediators of the 6-year effects of the New Beginnings Program for children from divorced families. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76(4), 579–594.

Anexos

Anexo 1 - Questionário

O meu nome é Beatriz Alves, sou estudante do último ano de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e, no âmbito da minha investigação para dissertação de mestrado, pretendo estudar as novas formas de família e a sua correlação com a vinculação aos pais e o bem-estar psicológico dos adolescentes portugueses. Os resultados são confidenciais e anónimos, sendo usados estritamente para o propósito do estudo. Responde de forma verdadeira às questões. O teu contributo é muito importante, obrigada!

Questionário Sociodemográfico

Coloca uma cruz na tua resposta. Escolhe apenas uma opção.

Idade:

Género:

Masculino ☐

Feminino ☐

Outro: ☐

Ano de Escolaridade:

6.º ☐

7.º ☐

8.º ☐

9.º ☐

Estrutura familiar:

Pais biológicos juntos ☐

Família monoparental – pai ☐

Família monoparental – mãe ☐

Família reconstituída – padrasto ou madrasta ☐

Com quem vivo:

Os meus pais biológicos

☐

Só a minha mãe

☐

Só o meu pai

☐

Com o meu pai/mãe e padrasto/madrasta

☐

Profissão do meu pai e/ou mãe biológico:

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM

Paula Mena Matos e M^a Emília Costa, 2001

Instruções:

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares com os seus pais.

Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprima o modo como se **sente** com **cada um dos seus pais atualmente**. Responda em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

	PAI	MÃE
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Os meus pais impõem a sua forma de ver as coisas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, Eles são únicos para mim.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Os meus pais conhecem-me bem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

10. Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.

11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12. Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15. Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
21. Faço tudo para agradar aos meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24. Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
29. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Escala de Problemas Psicológicos
Neto, F. (2009)

Em que medida experiência o seguinte?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes
1. Sinto-me cansado(a)	()	()	()	()	()
2. Sinto-me doente no estômago	()	()	()	()	()
3. Sinto-me mal e confuso(a)	()	()	()	()	()
4. Sinto falta de respiração mesmo quando não me exercito	()	()	()	()	()
5. Sinto-me completamente fraco(a)	()	()	()	()	()
6. Sinto-me tenso(a) ou excitado(a)	()	()	()	()	()
7. Sinto-me nervoso(a) e a tremer por dentro	()	()	()	()	()
8. Não me sinto descansado(a)	()	()	()	()	()
9. Sinto-me aborrecido(a) ou irritado(a)	()	()	()	()	()
10. Estou preocupado(a) com algo de mau que me possa acontecer	()	()	()	()	()
11. Sinto-me infeliz e triste	()	()	()	()	()
12. Os meus pensamentos parecem estar confusos	()	()	()	()	()
13. Preocupo-me durante bastante tempo	()	()	()	()	()
14. Sinto-me só mesmo com outras pessoas	()	()	()	()	()
15. Perco o interesse e o prazer em coisas que normalmente gosto	()	()	()	()	()

Anexo 2 – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Exmo(as) Senhor(as) Encarregado(as) de Educação,

No âmbito da Tese de Mestrado em Psicologia, a realizar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, da discente Beatriz Alves, orientada pelo Professor Carlos Gonçalves e com a autorização Direção do Agrupamento de Escolas de ---, encontra-se a recolher dados para um estudo científico sobre novas tipologias familiares direcionado a turmas do 6.º ao 9.º ano de escolaridade.

Deste modo, solicitamos a sua colaboração através da autorização da participação do/a seu/sua educando/a no preenchimento de instrumentos de avaliação da vinculação parental e do bem-estar psicológico.

Sublinhamos que é assegurada a confidencialidade de todos os dados obtidos e estes serão apenas utilizados para efeitos da investigação em curso.

Agradecemos a atenção dispensada, estamos ao dispor para esclarecer qualquer questão que considere pertinente.

Atentamente,

Porto,

Beatriz Isabel Fonseca Alves

.....

Eu, _____,
Encarregado de educação do/a aluno/a

Tomei conhecimento e autorizo que o meu/minha educando/a preencha o questionário, no âmbito de um estudo de investigação científica que está a ser desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto em colaboração com o Agrupamento de Escolas de ---

Assinatura do Encarregado de Educação
